



Brazil-China Innovation Dialogue 2024: Technology and Development Conference Opening – A Future Vision

Rio de Janeiro, 08.04.2024

Na hábil formulação da diretora do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a querida professora Ana Célia Castro, esta tarde inaugural combina revisita ao passado, no ensejo dos 50 anos de relações diplomáticas entre Brasil e China, e um conjunto de reflexões prospectivas. Feitas por especialistas de nomeada, estas tratam de áreas críticas para a sociedade humana, tais como agricultura, energia e saúde.

A Universidade de São Paulo e, em particular o seu Instituto de Estudos Avançados, poderiam adicionar relatos e propostas nessas e em outras áreas. Em especial, na *confluência de áreas*, que é geradora de oportunidades e desafios singulares, os quais requerem abordagem interdisciplinar. Inspirado na natureza, refiro-me aos *ecótonos*, espaços em que confluem ecossistemas diversos. Todavia, seguindo um caminho diferente, buscarei contribuir ao *ethos* desta instigante semana a partir de uma perspectiva “humanista”.

Começo também com uma revisita ao passado, mas a um passado mais distante. Em 1824, há exatos 200 anos, Ludwig van Beethoven conclui a sua Sinfonia no. 9. Trata-se de uma inovação musical: é a primeira sinfonia em que tanto os instrumentos musicais como a voz humana têm protagonismo e se complementam de maneira encantadora. Por isso, ela é conhecida como *Sinfonia Coral* - ao mesmo tempo *sinfonia* e *coral*. Lembra a dualidade onda-partícula da mecânica quântica, a *ondícula*. E é uma inspiração para discussões contemporâneas, como a da tensão ou simbiose na assim chamada interação “humano-máquina”.

Referindo-me ao *leitmotiv* deste evento, recomendo a leitura do livro *Beethoven na China*, coelaborado por Jindong Cai, um professor asiático-americano da Universidade de Stanford, ele mesmo um maestro. Descreve como no século 20 uma parte da população chinesa se encanta pela imagem de uma pessoa que passa por tumultos e obstáculos, um dos quais a surdez, que Beethoven conseguiu superar, triunfando gloriosamente ao final. Essa história pessoal caiu bem na cultura chinesa, em especial pela sua adequação ao ideal de perseverança.

Curiosamente, a Nona Sinfonia de Beethoven influenciou a tecnologia digital contemporânea. Como sabemos, o disco digital compacto - o CD, foi cocriado por duas corporações globais fortemente concorrentes entre si, a Philips e a Sony. Cada uma delas estava desenvolvendo a tecnologia de áudio digital, a fim de superar as limitações das gravações analógicas, conspurcadas por chiados e outros ruídos. Chegaram as duas empresas à conclusão de que a translação da nova tecnologia para uma inovação exitosa seria alavancada caso houvesse um padrão tecnológico compartilhado por todos os produtores. Isso levou os dois times de desenvolvimento a passarem a trabalhar juntos.

Todavia, a confluência de ecossistemas empresariais tão diferentes como os da Philips e da Sony não é trivial. como sabemos todos os que atuamos em ecótonos culturais. Uma das desavenças era o tamanho que deveria ter o CD. Havia duas proposições diferentes de circunferência do disco, que obviamente possibilitariam capacidades diferentes de registro musical. A maior delas carregava 60 minutos de música.

É aí que entra a Sinfonia no. 9. Percebendo a importância de atrair ícones da música para a inovação tecnológica, então em gestação avançada, a equipe de desenvolvimento foi conversar com o maestro Herbert von Karajan, diretor musical da Orquestra Filarmônica de Berlim. Ele era, na linguagem algo esquisita de hoje, um *mega influencer* no negócio da música clássica. Karajan se dispôs a ajudar a promover a novidade, mas impôs uma condição: o CD deveria permitir a *gravação integral* da Nona Sinfonia. Esta poderia chegar, de acordo com o tempo

dos diversos maestros, a até um pouco mais de 70 minutos. A condição foi aceita e o CD adquiriu uma circunferência maior do que qualquer das duas propostas originais.

Concluo com uma pequena, e talvez ousada, contribuição ao título desta sessão, que é “Uma Visão de Futuro”. Recorro mais uma vez à Sinfonia no. 9 de Beethoven, especificamente ao movimento final. Essa obra-mestra tem um papel cultural de máxima relevância no mundo congtemporâneo. Menciono apenas um exemplo: poucas semanas após a queda do Muro de Berlim, ocorrida em 9 de novembro de 1989, há exatos 35 anos, o igualmente icônico maestro Leonard Bernstein dirigiu a Nona Sinfonia, interpretada por um conjunto de músicos e cantores de várias partes do mundo, na antes dividida e agora reunificada Berlim.

Cabe registrar que houve uma mudança significativa na parte coral: a *Ode zur Freude* (Ode à Alegria) virou *Ode zur Freiheit* (Ode à Liberdade), de acordo com o *Zeitgeist*, o espírito do tempo, marcado pela euforia desse sinal claro de que aproximava o final da Guerra Fria. Penso que Beethoven aceitaria de bom grado essa mudança no título. Afinal, ele é considerado um revolucionário que não só lutou pela liberdade na arte da música, mas também apoiou os ideais da Revolução Francesa.

O poema de Schiller musicado por Beethoven contém uma *visão de futuro*, como nos pede a professora Ana Célia: *Alle Menschen werden Brüder* - todas as pessoas se tornarão irmãos (e irmãs). Resgatar essa visão me parece essencial nestes tempos em que a valorização das confluências vem sendo suplantada pela fragmentação radical, em que a diversidade humana passa de bem-vinda a fonte de ódio xenofóbico de vários matizes.

Penso que, nas conversas dos próximos dias, poderíamos acrescentar uma reflexão a cada uma das competentes apresentações que serão feitas: como o avanço científico ou tecnológico proposto e como as inovações dele decorrentes podem colaborar para a visão de futuro cantada em alto e bom som ao longo de 200 anos: *Alle Menschen werden Brüder*, todas as pessoas se tornarão irmãos e irmãs.

Somos testemunhas em tempo real, aqui e agora, de como isso pode ser feito: uma curta frase do doutor Paulo Protásio, em meio à sua instigante apresentação de mapas que procuram colocar o Brasil numa posição central. Ao comentar a mudança do centro de gravidade do comércio mundial do Oceano Atlântico para o Oceano Pacífico, ele afirmou em alto e bom som: “*Mas o oceano é um só!*”. A propósito, essa é a razão pela qual uma das cátedras que o Instituto de Estudos Avançados da USP mantém é denominada Cátedra Unesco para Sustentabilidade do *Oceano* (no singular).

Ana, peço escusas se fui por outro caminho nessa fala já de começo de noite. Faço votos de que as conversas dos próximos dias ajudem a trazer o gênero humano um pouquinho mais perto do sonho de Beethoven.



Guilherme Ary Plonski

plonski2@usp.br